



1

O ESPECTRO

O ESPECTRO É A SOMBRA DAS VÍCTIMAS QUE ACOMPANHARÁ SEMPRE OS SEUS ASSASSINOS E OPPRESSORES — É A *umbra mortis*, ESSE PHANTASMA QUE NÃO DEIXA O RICO NO SEU PALACIO NEM O POBRE NA SUA CABANA — É O INNOCENTE A CLAMAR VINGANÇA CONTRA O SEU PERSEGUIDOR — É O DEDO INVISIVEL DA PROVIDENCIA A ESCREVER NAS PAREDES DA CASA DE BALTHASAR A SENTENÇA DA SUA MORTE.

(A. Rodrigues Sampaio,
O ESPECTRO).

O ESPECTRO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO NAS OFFINAS
D'A POLYCOMMERCIAL, R. D'AL-
CANTARA, 41-A A E. — LISBOA.

ASTRIGILDO CHAVES

Director, editor e proprietario

Avulso..... 30 réis
Série de 10 numeros pelo correio 350 réis

Redacção e Administração:
CALÇADA DO COMBRO, 38, 2.º — LISBOA

*L'imprimerie est l'artille-
rie de la pensée.*

RIVAROL.

O “Espectro,, no Inferno

O immortal Antonio Rodrigues Sampaio, quando traçou as philipicas audazes de 1846 em prol da liberdade, contra os cabraes, commetteu erro tremendo, de que nós hoje, os d'esta geração, estamos colhendo os doces frutos... Defendendo as prerogativas da carta contra a reacção cabralista, o grande pamphletario não fez mais que contribuir para o desvio do curso da nossa Historia e arrastal-a para as selvas escuras de uma politica infame, caduca, vesga, onde vagueiam feras bravas, de faunas exoticas. Velho, Sampaio reconhece o erro commetido, tem a bella energia moral de o confessar e de procurar emendal-o —tal como o seu rival do pamphleto, o grande Rochefort — o que lhe valeu por signal as canzoadas dos pygmeus.

A carta constitucional foi a rendição imposta a um povo pelo poder occulto e omnipotente da Maçonaria. Tanto se esfalfou Pina Manique a

guarnecer as fronteiras contra a invasão dos pedreiros-livres! Tanto berrou o padre Agostinho, o *reaccionario* frey, cuja obra é uma montanha de logica e uma columna de Hercules da Tradicção. Para quê? Para um dia El-Rei D. Pedro entregar ao povo luso o tal papel — passaporte para o Inferno-politico em que actualmente vivemos!

E' das profundas d'este Inferno que *O Espectro*, eterno condemnado, ergue a voz clamorosa e forte — a voz de toda uma geração de escravos — e de látego em punho, revel, irado, furibundo retalha as faces dos carrascos e escreve nos dorsos tatuados a legenda dos seus crimes.

Des'que na sua alma pulchra e fecunda desabrochou a flor rubida da rebeldia, tornou-se insubmisso e indomavel *O Espectro*. Fez-se estandarte de guerra-santa, ostia da com-

munhão universal do povo, clarão rutila de fé e esperança ardente de Victoria.

Pelo trilho aspérrimo que conduz á Redempção, contendo em derredor as arremettidas das luciferinas bestas com a ponta do seu chicote em braza, avançando sempre, e sempre, impávido e terrível, *O Espectro* fecha os olhos a todos os preconceitos e respeitos humanos,—lá tem a luz interior da Vingança e a mão de Deus, que o guiam no seu Destino. Não conhece amigos nem inimigos: só portuguezes ou degenerados: quem lê a cartilha de Christovam de Moura ou quem psalmeia, d'olhos no Céu, as estrophes igneas de Camões! E para estes dirige as suas homenagens e as suas bençãos; para os outros os trovões do seu Odio e a ponta do seu chicote.

Pode succeder, no entanto, que o *Espectro*, justiceiro e invencível, no fragor da refrega e no ardor da carreira pareça tombar do seu corsel veloz... (Fóra a periphrase!) Pode bem succeder que, durante a sua travessia por este Inferno Democratico, seja sepultado n'uma masmorra, a ver se socumbe e deixa de os seguir a sombra sangrenta, apovorante. *O Espectro* é a *umbra mortis*, impalpavel e eterna. Quando a grade do carcere se fechar sobre o Homem, já cá anda da banda de fóra o genio aereo da sua Rebeldia, a fulguração radiante da sua Justiça, o seu sangue de milhares de victimas n'uma só victima, apertando nas tenazes das garras ferreas o pescoço dos seus algozes! Pode succeder, tambem, que nas gargantas d'esta diabolica Falperra, onde a fraternidade jacobina pôz de emboscada, á espreita, o sicario covarde (bons

tempos, ó Sampaio, esses em que o adversario sahia de frente e o maior mal era o arcabuz!) o espere a lamina hervada de um estylete ou a nitro inflammada de uma bomba de versão. Pouco se lhe dá ó monstros! Teem sede do seu sangue—bebam n'ó. A arma do *Espectro* é esta pena: se o matarem, morrerá com honra, em plena lucta. Os libelos formidandos dos seus pamphletos lhe sobreviverão, uivando maldições.

Serei barbaramente massacrado pela sanha feroz de multidão em delirio? rugia o cavalheiresco Souleau. Está bem! é o sangue dos martyres: elle fará proselytos! E fez. Foram aquelles que não deram uma hora de treguas á republica e combateram com furia Bonaparte: aquelles que após o regicidio cahiram de joelhos ante Joanna d'Arc e lhe pediram rogasse a Deus a benção para as suas espadas, com que partiram a libertar a França! Foram os camponezes da Vendéa e La Rochejacquelin, Rivarol e André Chenier, Jorge Cadoudal e Hyde de Neuville! Foram a *chouannerie* e a santa-alliança. A machina infernal da rua Nicaise, Mabeuge! Waterloo! Luiz XVIII!

A dictadura mansa do general Pimenta de Castro foi a barca de Charonte que nos transportou ao Inferno mascarado com o nome de 2.ª republica portugueza. Arre para semelhante dictadura e para tão idiota dictador!

A verdadeira dictadura é a tyrania sublime e redemptora. Nas grandes crises sociaes-politicas socavan-

do os alicerces das nações, ella é a pedra e a cal que sustem e reconstrue o edificio do Estado. Portanto, o dictador, é sempre um super-homem de braço herculeo e olhar de aguia. Sylla, Cesar, Bonaparte, João Franco! Terminam as dictaduras: e a sua obra basilar,—aquella que foram chamadas a empregar e as motivou, não morrem com ellas. Sylla deixou de pé o principio da auctoridade, Cesar a hierarchia militar, Bonaparte o Codigo Civil e a Ordem, João Franco o Codigo administrativo e a Alliança internacional.

A *dictadura* do general Castro nada podia deixar de perduravel, pois que era um governo de entrevados e de cegos. De feito, em vez de exterminar a anarchia das ruas com o sabre e com a lei, com o canhão e o Codigo Penal,—abriu de par em par as portas ao Terror. Em vez de firmar e consolidar a integridade da Patria, arremessou o corpo esqueletico do paiz para as profundas do inferno, por sobre o qual os corvos repaces das potencias nos espreitam crucitando sinistramente...

Havia que manter a ordem no Interior e reconquistar o antigo prestigio no Exterior. Esta era a questão magna e a causa victal da dictadura.—A reconciliação da familia e o desvario da co-participação na guerra europeia...

Se o general Castro fosse o homem fadado por tão enorme como salutar empreza, elle teria começado por:

(a) *leis de desaggravo*: repressão immediata e efficaz de todos os crimes e abusos dos governos tran-

sactos; destituição de todos os individuos pertencentes á *formiga branca*, organização dos seus cadastros e castigo dos seus delictos, com penas de prisão, deportamento e até de morte para os reincidentes.—Extincção de todos os antros onde seprofessem ideias jacobinas.—Caça aos detentores de armamento e explosivos.—Prisão de todos os ladrões de alfaias reaes ou religiosas e dos esbanjadores dos cofres publicos.—Amnistia completa, e reintegração de todos os militares e civis, nos seus logares, sahidos desde o 5 de outubro, sem prejuizo de antiguidade nem de vencimento.—Abolição das leis chamadas do divorcio da familia, e da separação, mantendo-se o *statu quo ante*.

(b) *leis de resurgimento patrio*: Neutralidade absoluta na questão europeia.—Desenvolvimento immediato da agricultura, do commercio e das industrias, nacionaes e coloniaes; culturas obrigatorias; baixa de importação e augmento de exportação. Fomento, restauração de finanças, riqueza publica.—Reorganisação do exercito; disciplina de ferro; augmento de material de guerra por criação de estaleiros e de arsenaes em fabrico continuo e celére. Restauração das ordens militares, aturada educação professional e civica. Bandeira... azul e branca.

Quem tivesse visão perspicaz de coisas politicas e não fosse cego de todo como os jornalistas analphabetos e mercenarios do nosso meio mazombo e os pseudo-orientadores da opinião, em que armam certos marchaes monarchicos, —mortos que

ainda mexem, criminosos que aneiam reabilitar-se com o sangue das nossas veias—logo veria que o advento do Pimenta de Castro era— a prova real da incompetencia asinina, o quociente da traição e o producto da covardia.

A primeira é que, quando o exercito entrega os seus destinos, portanto os da Patria, a um homem, é porque elle, pelo seu passado glorioso e honrado, que o aureola e quasi divinisa aos olhos da nação, dá penhor de eficaz e solido empreendimento. Segunda é que o exercito que escolhe e delega é que tem força moral e physica para o fazer—tanto que outrora costumavam erguer o chefe sobre o escudo, gládio erguido a toda a altura, como se dissessem:—Defenderemos o Homem que nos conduzirá ao triumpho!

O general Castro foi firmado no poder—de sabre na bainha, e com a salva de palmas da classe cuja missão é a guerra! O feito heroico que deu alma á officialidade do exercito para o conduzir ao Terreiro do Paço foi a indignidade, a baixeza, a poltroneria, a abjuração de todo o passado glorioso, o escarro immundo e miseravel no coração immaculado de Camões—que é como a Historia hade chamar á pifia—*entrega das espadas!*

E ainda houve apologistas da scena miseravel, ainda tiveram os seus cantores os poltrões... Os miseraveis e poltrões como elles. Os que, juntamente com os *espadas virgens*, procuram ser os coveiros da Patria. Se Nun'Alvares, Heitor da Silveira, D. João de Castro, Mousinho de Albuquerque pudessem erguer-se dos tumulos onde repoisam, ah! como elles viriam vermelhos de nojo e co-

lericos de justiça correr uns e outros a pontapés!

A virtude maxima do militar é a honra, donde irradia o dever, a lealdade e o brio. Soldado que faz uma jura e a não pode cumprir, entrega a vida como resgate da palavra. Assim fez Egas Moniz. Estender a mão sobre uma bandeira é sempre cousa sagrada. Quem nascer mais com pernas para salsifrés de salas do que para apertar os ilhaes de um cavallo, quem vier ao mundo com mais geito para empunhar castanholas do que uma espada,—mais mulher do que homem, caramba! escolha mister condigno da sua vocação. Caixeiro de modas, trintanario de casa fidalga, menino de côro...

Julgaram os hermaphroditas de espartilho e espora que isto de redimir uma Patria se entendia com medir chita, salamaquear ou entoar laidainhas, que é pará o que vieram de França, e vá de se comprometterem com quem os concitou para a defesa d'ella. Medem lá alguma vez o alcance dos seus actos. Sabem lá qual o interesse da nação ou o seu prejuizo. O que é honroso ou canalha, o que é bom ou mau, o que querem ou o que não querem. Muitos d'esses senhores officiaecos juraram primeiro sobre o estandarte restaurador do egrégio Couceiro e chamam-o a Vinhaes; logo empóz accitam as promessas, se não o oiro do senhor Miguel, para d'ahi a nada se combinarem de novo com o Defensor do Reino e o attrahirem aos muros de Chaves, ficando-se mui anchos e impunes da traição, jogando o loto em familia, emquanto a heroica hoste se atirava contra a villa e o Paladino arrepellava os cabellos desesperado... Vae a seguir no-

va jura sobre o pendão manuelista —que deu Mafra: depois a funcanala do Terreiro do Paço,—abertura das portas a este Inferno aonde o *Espectro* surge, gritando aos tambores dos seus regimentos que lhes arranquem dos braços os immerecidos galões que lá ostentam.

Que o trunfo era espadas, diziam... Era mas era o *az de cópas*, o

adipo tremebundo onde termina a espinha, que tanto pesa e tanto cheia das árobas da sua covardia e da trampa de sua honra.

Meio de restaurar a monarchia só aquelle: — via Pimenta. Raca de pollrões deslustres do exercito e vergonha da Patria! — O' pallido Exilado, meu Rei e meu Senhor, que nojo, que nojo!

Todas as pessoas a quem O ESPECTRO fôr enviado, e que queiram continuar a recebel-o pelo correio, devem mandar immediatamente a importancia de uma serie de 10 numeros ou sejam 350 réis, em estampilhas ou vale do correio. Caso contrario pede-se a devolução d'este numero á Redacção.

Toda a correspondencia dirigida a

Astrigildo Chaves

Redacção do ESPECTRO,

Calçada do Combro, 38

LISBOA

Antropophagia lusi-besta

Condorcet bebe cicuta, Casalés a lamina de um punhal... mas a mandragem bebe Champagne e velho Rheno!... Não ha dinheiro e não ha pão: mas Théroigne de Méricourt e Rosa Lacombe perpassam pela cidade, e, nas orgias nocturnas, os seus amantes lançam perolas ás taças, n'um plagiato litterario á bohemia romana, julgando que com isso encarnam a alma pura de Bruto ou o heroismo de Catão...

Ah o *Espectro* é eterno! O *Espectro* arrastou pelas ruas de Paris, nas noites álgidas do Terror, as suas roupagens albrantes e horrendas. Viu roubar os bens aos guilhotinados para engordar a pança dos Conventionaes. Viu morrer á fome, em algidas mansardas, santos sacerdotes, fugidos á furia homicida e parricida do Grão Papa Maximilien de Robespierre, e pobres mães e tristissimas virgens, cujo crime era ter um filho nas prisões *de la Force* ou um noivo nas fileiras gloriosas de Condé ou de George Cadoudal, — onde florião os lys dos Capetos e a Epopoia da França! O *Espectro* viu-os morrer á fome e viu-os assassinar na guilhotina... Portanto o *Espectro* sabe encarar e verberar a tragi-comedia lusibesta.

Não ha pão nas choupanas dos operarios e os governos decretam a lei da fome.

Não ha trabalho, paralysa-se o

commercio, a agricultura e a industria com o Terror e a *parlapatisse da guerra*, lá porque entenderam que este povo ha de estar á mercê das idiotices de uma centena de cretinos e uma dezena de anthropophagos!...

Roubam as pobres famílias á mingua com o bacalhau e com a exhibição funambulesca de espertalhazes patriotics. Assassnam proles inteiras com o pão toxico da companhia de envenenadores que o governo e os proconsules protegem e com os assucares e com as carnes: e não contentes com estas extorsões infames á bolsa do povo, com este roubar da febera á gamela alheia, que era já o depauperamento, a angustia a tysica, decretam ainda os crocodilos vermelhos essa miseravel «lei dos suspeitos» que ultrapassa tudo quanto de canalha legislou o tigre Robespierre e ladrou a cadela de Hebert.

O *Espectro* não se cala. Ninguem fará calar a voz do *Espectro*. Ella nasceu do tumulto das victimas e tornou-se forte e potente no fundo das masmorras. Todos os respetos humanos acabaram aqui. O *Espectro* é a voz do archanjo e a voz de Deus: e a voz do archanjo e a voz de Deus rugem apocalypticamente

varam de lado a lado os peitos dos escravizadores do povo luso.

Não ha pão e os bandidos bailam!

Não ha pão — e os patriotas deglutinam optimos manjares!

Não ha pão — e suas excellencias os cidadãos egrégios, os valentes esteios *d'esta coisa*, os altissimos e sapientissimos p...ortuguezes, que outro nome não teem, perante a fome, perante a desgraça, frente á miseria e quem sabe se talvez á morte de todos e de tudo, improvisam *menús* escandalosos e banqueteiaram-se nos hoteis, nas tavernas e nas hortas!

Cacareja versos o Mayer Garção, vomita vinho o Zé do Valle, rosna patifarias deshumanas a Maria Velleda...

E os assassinos macularão as brisas balsamicas d'estas encantadoras tardes d'agosto, evocadoras e idyllicas de glorias e d'amores, com os halitos mephyticos das boccarras tigrinas, nos dylhircambicos ohés, nos avinhados brindes, de alcauce e de antro, dignos da lingua de Cartouche e da alma de Lacenaire: os assassinos, disse, de El-Rei Dom Carlos, de Dona Ignez e da Grammatica: os Ribeiras Bravas, os Faustinos e os Rodrigues-irmãos.

Comer, comer, comer! E' no que pensam as almas patrioticamente espartanas do tribuno e do *sans-culote*. Deglutinar optimos manjares, ingerir tremendas travessas de *omelete au-rhum* e de bacalhau com couves, devorar concas enormes de calda de morangos e de caldo de grão, *à la Travessa de la Palha!* Comer tudo isto, e tudo o mais que as democraticas commissões das festangas se lembrem de architectar nos

formigaes menús, regado com garrafões sem conto do Cartaxo, de Torres ou da Alhandra! Almoçar, merendar, jantar, pic-niquear, ceiar, entre vivorio e foguetorio e ao som de triumphaes accordes da *distincta banda* dos Bombeiros Voluntarios, da illustre phylarmonica *Onião e Progresso* ou da sapateiral fanfarrada *Assuciação Sola e Vira e artes correlativas...* Pretexto actual: — a saude do eminente estadista, o maior tribuno de todas as Hespanhas, gloria do povo... de Ceia, salvador da Patria e do Centro da Regaleira...

Almoço de congratulação pelas melhoras do sr. dr. Affonso Costa: Festejando as melhoras do sr. dr. Affonso Costa, cerca de 100 republicanos reuniram-se hontem, pelas 12 horas, um almoço em Cabo Ruivo...

O almoço que foi primorosamente servido começou ás 12 e meia e terminou cerca das 17 horas, (4 horas e meia á mangedoria!) decorrendo sempre no meio do mais communicativo entusiasmo, tendo sido abrihantado por uma magnifica orchestra, dirigida pelo sr. Antonio Ferreira d'Albuquerque.

Presidiu o sr. capitão Tavares de Carvalho, que dava a direita ao sr. José de Barros e a esquerda ao sr. Arthur Vinhó. (1)

Marinha Grande, 7. — Não quizeram os republicanos da Marinha Grande deixar de manifestar toda a immensa alegria que lhes provocou o restabelecimento do dr.... N'um recinto lindamente ornamentado, anexo á casa do nosso correl. José

(1) Diario de Noticias.

Duarte Marques realisou-se hontem um banquete composto de 30 talheres... sendo descerrado o retrato do sr. dr. pela menina Luvilde Guarda Marques, lindamente vestida de republica. (Pobre menina!) Começou ás 19 horas e terminou ás 24. (5 hors portanto de pascigo!) (1)

E é um nunca acabar de comezainas, abrilhantadas por fungagás, em que a alma troglodyta do cidadão jacobino delira, emquanto o estomago se dilata. E' o centro republicano de Santos, que empós luzida sessão solemne, de ritual democratico, se dirige ao Hotel Internacional para um banquete de 40 talheres, (2) como a refazer-se das forças gastas da verborrheia comicieira da supradita sessão. Gemem os prelos, enchem-se columnas de periodicos com este assumpto porco de tripa. 1.º no dia 15 um magnifico jantar, em Portalegre, para que já ha 90 inscrições, e a adhesão da distincta banda dos Bombeiros Voluntarios. (1) Outro em Tondella, na propriedade do sr. João Cardoso, *gentilmente cedida para tal fim...* (2) No dia 22 pic-nic em Cintra, promovido pelo C. D. de Campo d'Ourique, *abrilhantando a festa* a Sociedade Filarmonica Progresso de Bemfica. (3) Outro pic-nic organizado pela commissão parochial de S. Christovão, sem indicação do nome de charanga. (4) Mais um almoço e festa politica, organizados pelo C. R. Democratico, no campo dos Setiaes,

(1) Mundo, 11 de agosto.

(2) Diario de Noticias.

(3) Diario de Noticias.

(4) Mundo.

(5) »

(6) »

Cintra. (5) São mais merendas e almoços e jantares em Alfazeirão, Pezo da Regua, Cintra, Azambuja, Villa Franca, Porcalhota, Cacilhas, etc., etc., etc.!...

Em boa verdade, quem hoje quizer estudar a situação politica nacional e o incremento jacobino, tem que fazel-o no aparelho digestivo, a servir de base. Ha que começar na secreção das glandulas salivares e terminar nas contracções musculares do sphinter...

Estomago cheio — bom patriota

Estomago a abarrotar, de engorgitamentos pantagruelicos, mastho-donticos, successivos, desordenados, provocando graves afecções renaes e tilintares metalicos no balcão do deposito da Curia—é que se trata de gorda fressura democratica.

Estomago idem, idem, mas em que o bolo alimentar emerge em carrascão, e supplica ás cordas vo-caes que *chamem pelo Gregorio* se não houver a prévia therapeutica da cebola no nariz—é que temos visce-rra formigal...

Quando foi da Revolução Fran-ceza, contam os Goncourts, comeu-se, bebeu-se, jogou-se e bailou-se como jamais. Nunca houve maior ancia de prazer talvez no mundo. 10:000 restaurantes, 4:000 casas de jgo em Paris! E isto durante o Terror. O sangue das victimas incitava os carrascos ao vicio e ao deboche. As contas de Danton, de Barras e de Herault, no restaurante, attingem milhões! Santerre reclama 30:000 francos á Convenção,

(1) Mundo.

que é a quanto monta a cerveja que distribuiu pelos *sans-culotes*. Que importa que a guilhotina trabalhe sem descanso? Ella servirá apenas para os maus patriotas e para os conspiradores. Que importa que não haja trabalho nem pão, «se o nosso pae d'Orleans nos dá de comer?! (1) E a formiga branca parisiense comeu á tripa fôrra nas orgias do Palais Royal e até nas proprias galerias da Convenção, que enchia litteralmente, banqueteadose durante as sessões, entre morrório ou vivório aos deputados, segundo o *mot d'ordre* dos Jacobinos.

Comer, comer, comer! Os representantes do povo em missão, rodeados d'uma côrte de histriões e de cortezãos, como pachás, assassinando, incendiando, violando mulheres, pilhando terras, confiscando bens a seu bel prazer, como Lebon em Arras, Carrier em Nantes, Collot d'Herbois em Lyon, costumavam assistir aos supplicios das victimas, assentados a mezas sumptuosas de 30 talheres, ouvindo musica. E assim, á força de massacres sem igual, mais horrorosos que os de Nero ou Heliogabalo, conseguiram impôr a republica a um povo profundamente

(1) A' cette époque, l'émigration de ceux que la populace appelle *aristocrates* avait été si considerable que la consommation de Paris tomba tout à coup de onze à douze cents sacs par jour. Aussi a-t-il été démontré et reconnu depuis, que la halle avait constamment regorgé de farines. Cette abondance pouvait être fatale à la faction d'Orléans; mais l'or, qui fait ordinairement sortir le blé, servit à le faire disparaître.

En même temps il n'était pas rare de rencontrer des gens du peuple, devenus tout à coup oisifs, qui disaient: Qu'avous nous besoin de travailler? Nôtre père d'Orléans nous nourrit.

(Rivarol, «*Journal Pol. Nat.*»))

catholico e convictamente monarchico. Impor a republica e... encher o estomago, que era a forte razão de Estado. *Vivre libre ou mourir*, dizia um sello da Communa, que os aristocratas parodiavam maliciosamente e com muita propriedade:

Ventre libre, ou mourir!

Eu estou mesmo certo que toda a philosophia politica democratica, exprimida, se resume n'uma questão de ventre. Liberdade é por autonomia—comer. Republica—regimen em que melhor se come. Terror—guarda pretoriãna que protege os grandes comilões...

Digam-me agora:—se não fosse a republica, atravessando o paiz com o seu continuo e tenebroso cortejo de odios, devastando á sua passagem, n'um batismo lethal, os campos outrora exuberantes, falcatruando, pilhando, devorando as ultimas migalhas dos famintos trabalhadores, á sombra de leis iniquas e sob a ameaça horrenda da bomba de dynamite: digam lá, ó ministros de Estado, consules e ó *formigas*—se não fosse a capa da harpia que vos protege os crimes e o braço que os executa, como é que havia de ser isso de encherdes a pança em continuos e opiparos banquetes e retoicar o canastro em orgias escandalosas, vós os *declassés* sociaes, advogados sem causas, medicos sem clientes, lacaios de redacção, bachareis do Limoeiro, vagabundos, vadios e burros, que não tinheis no tempo da outra senhora sequer uma de X para comprar brejeiros para fumardes?!

A uma mulher perdida, accusada de conspiração, perguntou na au-

diencia o terrível Fouquier-Tinville:— *De que vive você? — Do meu corpo, como tu da guilhotina!* Resposta energica e prompta e que é ao mesmo tempo o desespero d'uma vítima e a revelação serena e impavida de um grande crime! Crime semelhante áquelle de que vive no meu paiz o milhar de miseraveis que este regimen de engorda traz á mangedoira...

«O nosso presado correligionario João Elias (Jom-Jom)— diz o Mundo — não podendo por doença encorporar-se na excursão que se realisa em homenagem ao sr. dr. Affonso Costa, envia-nos o seguinte soneto, em que affirma o seu preito ao insigne estadista.»

Vae na estereotypia, ou lá aonde foi, com propositos malévolos, talvez invejas do menino Urbano — o eminente Urbano! ou emulação do Diurethico, deturpam e transformam o brilhante trabalho do illustre poeta *Jom-Jom*, publicando de exacto, conforme o original, apenas a rima.

Em homenagem á verdade ahi vae o soneto, tal qual sahiu da forja poetica do grande Elias:

A tua voz, em trapos encarnados,
Consegue mascarar as multidões
E fal-as rir em loucas convulsões
Como de entrudo bons chechés armados.

Da tribuna, fallando aos magistrados,
Faz tremer de horror os corações
E sepulta innocentes nas prisões,
Os quaes lá sempre foram desgraçados.

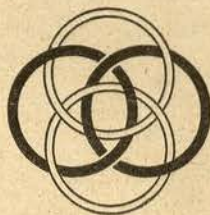
Evoca a Patria sua antiga gloria,
E soluçando tão estranha sorte
Confia em melhores dias, na victoria!

Luctador do coupé, ousado e forte,
E's como o teu humonymo da historia,
«Que da Rotundo fugiu com medo á
morte!»

*

O mesmo jornal noticia que, em regosijo pelas melhoras do Grão Visir, perseguidor da christandade, um lavrador catholico do norte offercera cinco litros de azeite á Senhora da Agonia e á Senhora da Ajuda! Catholico?! Só se fôr do *Ente-supremo* e do triangulo... Catholico de choça e de barraca, ou da *formiga branca*...

E afinal talvez pudesse ser. Houve catholicos que collaboraram com os democraticos nas ultimas eleições, tal qual como outrora no regicidio. Catholicos e monarchicos. E a elles se deve isto que ainda para ahi está. E são elles os que mais teem engraxado as botas ao nosso Rei, no exilio. E os que mais o teem trahido. Cala-te bocca que ainda não chegou a hora da Justiça!...



O pavor dos javardos

Ninguém ignora, n'este paiz, que uma das predilecções do grande e saudosissimo Rei que foi D. Carlos era a caça. Os breves momentos que lhe ficavam livres dos negocios do Reino, que poucos eram, mas que uma sábia systhematisação de trabalho e uma invulgar tenacidade valorisavam, repartia-o por tres grandes paixões de toda a sua vida: a sciencia, a arte e o sport. Não teve uma hora d'ocio, o Rei-Martyr: A caça não era mero passatempo, para elle que, como D. Sebastião, batia contadas e fraguedos, mas um meio de educação physica, que tanto contribuiu para o desenvolvimento da sua compleição forte e avantajada.

Atirador eximio, — mettendo successivas balas de pistola por buracos de fechaduras, no dizer de Rimalho — carabina privilegiada como o patenteou nos concursos de tiro — a caça de montaria era a que mais o seduzia. Gamo, veado, javardo que topava na frente, tinha os seus instantes contados. E das abundantes preias fazia a caridade regia valiosas dadas, presenteando a Assistencia, os asylos e outras casas de recolhidos e de orphãos.

Era o pavor dos javardos, El-Rei D. Carlos!

...o pavor dos javardos irracionais e dos javardos...humanos.

Para estes, certo, jamais se serviu de arma mortifera para os conter a distancia, sequer mesmo da armada das leis da jurisdicção do Reino. Mas é que a sua bella figura altiva e herculea, gentil e franca, airosa e simples, cuja presença, fosse lá aonde fosse, se erguesse magestosa, como se o seu aspecto segredasse ao vulgo — este é o Rei! — impunha respeito, obrigava á veneração, assim como as suas virtudes, a quem as conheceu, faziam brotar por Elle um verdadeiro culto.

Quando um dia os javardos politicos, crias monstras d'aquelles que pra'qui vieram acclimatar em 1820, pois que não era n'este eden o seu *habitat*, quizeram ver-se livres do Monarcha sabio, probo e forte, amigo do seu povo e gloria do seu Reino, — por que Elle era um obstaculo ás suas cubicas e uma sentinella vigilante ás roubalheiras — conluíram-se para o assassinar. Compram uma duzia de sicarios. Armam os braços e enchem-lhes o saguitel. E não deixaram de lhes recommendar nas ultimas instrucções: — Não atirem de frente, cuidado! a sua figura pode paralyzar-vos o sangue nas arterias...

Se elle era o pavor dos javardos...

A sua memoria ainda hoje faz tremer de pavor os javardos politicos.

Arreceiam-se que elle se erga do tumulto, terrivel e vingador, não só para castigar os mandatarios do crime infame de que foi victima (a audacia tem levado alguns d'elles ao Exilio, sem que Sua Magestade lhes distinga nas mãos o sangue de seu Pae!) mas ainda para libertar o Reino da caça feroz que o enxameia.

O caso de ha dias é a demonstração clara do que afirmo.

O senhor Fillipe Taylor, negociante e distincto sportman, mui conhecido e estimado em Lisboa, (creio até, se a memoria me não falha, que algumas vezes acompanhou o saudoso Monarcha nos torneios e caçadas) teve a feliz ou infeliz ideia de comprar por preço convidativo boa porção de cartuchos embalados, que por ordem do Ministerio da Guerra se encontrava á venda no Museu de Artilharia.

Do Ministerio da Guerra é que essa ordem não foi bem legal — pois que sendo o cartuchame propriedade particular do Rei-Assassinado, é pertença hoje do seu legitimo e universal herdeiro...

Não sabemos se o senhor Fillipe Taylor teve informação prévia de que o cartuchame fôra pertença de S. M. El-Rei o Senhor D. Carlos

Se assim foi, é acção para louvar, pois que representa uma prova de apreço e de saudade pelo fallecido Monarcha. Quem porem o sabia *de verdad* eram os javardos, e tanto que logo tremeram quando lhes disseram que o arsenal ia passar para as mãos do homem de bem que é o senhor Fillipe Taylor, não fosse elle applical-as, como o grande caçador, em terrivel e eficaz montaria, de que resultasse, attendendo á grande quantidade, o exterminio da sua especie...

Os javardos tremem. O espectro de El-Rei D. Carlos apavora-os! E ainda vem longe a hora da vingança!... Elles lá sabem bem que ha mortos que não descansam nas loisas enquanto justiça não for feita sobre a terra! Que ha mortos que mandam, nos governam, e dirigem até os destinos dos povos, do alem-tumulo!... Eu não me canso de exclamar:— Do sangue vertido no Terreiro do Paço é que hade brotar a flor pura da Restauração. Os reis assassinados velam por nós a toda a hora, continuadamente, nas feraes jazidas de S. Vicente: são Elles os alfajemes da Historia brunindo as espadas vingadoras com que havemos de redimir a Nacionalidade!

O 2.º numero contém:

Senhor Rei!

Carta ao tenente Aragão

Confissões d'um "suspeito."

Varias das edições d'esta casa

LIVROS DE ESTUDO:

Jorge Gavicho — ARIMÉTICA PRÁTICA, adótada na Escola de Comercio de Lisboa.

José C. Antunes Coimbra — GRAMMAIRE PRATIQUE DE LA LANGUE FRANÇAISE, adótada na Escola Rodrigues Sampaio e Escola Elementar de Comercio.

J. Cabanita — LIÇÕES PRÁTICAS DE PORTUGUÊS — 2.^a parte. CADERNOS DE FREQUENCIA E APROVEITAMENTO do alúno para as escolas primárias, cada caderneta para um ano. CADERNOS PARA ESCRITA COMERCIAL — Diario, Razão, Inventario e Balanços, Borradores, C/Correntes, Caixa, etc., adótados na Casa Pia de Lisboa e outros collegios importantes.

OUTRAS EDIÇÕES:

A. Monteiro — CONTOS DA CARÓCHINHA — Livros de contos para crianças, absolutamente morais e instrutivos, profusamente ilustrados e com capa a côres. — Cada volume 10 centavos.

Varios autores — COLECCAO DESPORTIVA — Técnica de todos os desportos: AUTOMOBILISMO, FOOT-BALL, TÊNIS, ETC. — Cada vol. 15 centavos.

PAUTAS DAS ALFANDEGAS do continente e ilhas, com as alterações até 1913, tratados, convenções, etc. — 1 vol. cart. 70 cent.

A. Monteiro — TABOAS SINOTICAS PARA EXAME E ANALISE DE FIBRAS, FIOS E TECIDOS. — Um volume ricamente encadernado 60 centavos.

J. J. Pereira Dias — AQUEDUTOS PONTES E PONTÕES, taboas, formulas e dados praticos, contendo 80.396 calculos e 4.398 obras.

Joana Castelbranco — Flutuações, versos. — 1 vol. 30 centavos.

J. Soutelo — CONTOS DE VIAGEM, alegres e inofensivos. — 1 vol. 10 centavos.

Joaquim Vieira — HIGIENE NAS MARCHAS DE INFANTERIA. — HIGIENE BOCAL NO EXERCITO.

Representante exclusivo de:

AS PRIMEIRAS REGRAS DO DESENHO, colecção de 10 excellentes cadernos a 2 centavos — muito superior a compendios.

MÉTODO PRÁTICO DE ESCRITA USUAL, colecção de 6 cadernos a 2 centavos. O alúno aprende por eles até à letra francesa e gotica.

Pedidos á secção de livraria de

A POLYCOMMERCIAL
Rua d'Alcantara, 41-A a E
LISBOA